



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e religiosidades

EXPECTATIVAS DOS ADOLESCENTES URBANOS BRASILEIROS COM RELAÇÃO À IGREJA CATÓLICA

DALLA-DÉA, Paulo Fernando

Doutor em Teologia Pastoral

Universidade Federal de São Carlos

paulo_fernando@hotmail.com

Resumo

O autor fez a sua pesquisa de doutorado perguntando para os adolescentes na grande Porto Alegre qual a expectativas e os desejos que eles tinham com relação à Igreja Católica Romana. Ao contrário do que possa pensar o senso comum, os adolescentes se mostraram interessados e com opiniões, sugestões e críticas bem concretas e nada destrutivas.

Saindo-se a campo, pode-se empoderar os adolescentes e ouvi-los, algo não muito comum em Teologia Pastoral, embora se fale de *sensus fidelium*, é necessário fazer que esse conceito possa ser efetivo na pastoral das comunidades.

A presente pesquisa mostra os resultados obtidos em uma dessas pesquisas para o doutorado, feito no Colégio Santa Catarina, em São Leopoldo – RS, grande Porto Alegre, em 2005.

Abstract

The author made his doctoral research asking which teenagers in greater Porto Alegre which for the expectations and that they had with relation to the Roman Catholic Church. Contrary to what may think the common sense, the adolescents were interested and with opinions, suggestions and criticisms and with concrete sugestions.

Leaving the field, can empower young people and listen to them, something not very common in Pastoral Theology, although talk of *sensus fidelium* (*sense of faith of the faithful*), it is necessary to make that this concept can be effective in pastoral care of communities.

This research shows the results of these surveys to the doctorate, done at Santa Catarina, in São Leopoldo-RS, Porto Alegre, in 2005.

Palavras-chave: adolescentes, expectativas, Teologia, pesquisa, Igreja Católica Romana.

Keywords: adolescents, expectations, Theology, research, Catholic Roman Church.

[PAP0396]

Adolescentes fora do ambiente eclesial/eclesiástico – como o é uma igreja ou um ambiente de catequese – tendem a estar mais livres para responder e ter menos inibição para manifestar suas opiniões de forma sincera, porque não estão atrelados ao medo de desagradar o catequista ou o padre da paróquia, podendo danificar o relacionamento ou até com medo de comprometer a sua catequese.

Ao mesmo tempo, procurar adolescentes que possam responder às perguntas nas ruas é dar vez e voz para que os que não foram crismados (porque a Igreja não os atingiu) possam falar e demonstrar as razões pelas quais não quiseram sê-lo ou não se importam em ser confirmados na fé. Este é um bom medidor de temperatura para o trabalho pastoral da ICARⁱ com os adolescentes. Estas pesquisas iniciais já vão mostrando como está o esforço e a eficácia da ICAR em atingir adolescentes católicos no grande centro urbano que é a região metropolitana de Porto Alegre.

Esta é uma pesquisa mais qualitativa do que quantitativa e registrou-se isto no *DIÁRIO DE CAMPO*, onde se anotou circunstâncias e impressões. Não se teve a pretensão de fazer uma pesquisa de opinião, mas sondar a **imagem da igreja** que aparece no pensamento deles.

ADOLESCENTES EM COLÉGIOS

O pesquisador entrevistou 291 adolescentes do ensino médio do COLÉGIO SANTA CATARINAⁱⁱ, em Novo Hamburgo – RS.

A entrevista como tal constitui-se de uma conversa informal (30 minutos por grupo), orientada por algumas perguntas básicas:

- Qual a igreja que participa?
- Quais os pontos positivos da (sua) igreja?
- Quais os pontos negativos da (sua) igreja?
- O que você mudaria na igreja para que ela ficasse melhor?

A preocupação não foi em pesquisar religiões, mas igrejas específicas (divisões) dentro do cristianismo ocidental. Procurou-se deixar os adolescentes à vontade, sem influenciar ou orientar respostas, para que tivessem liberdade e espontaneidade ao responder, enquanto anotava num caderno de rascunho, os dados principais da entrevista. Chamou-se este caderno de DIÁRIO DE CAMPO 2, que se tem como prova das entrevistas feitas. Acabou-se adotando o método de trabalho etnográfico de entrevista participante, dos antropólogos (BRANDÃO, 2000).

Feitas estas considerações iniciais, pode-se passar aos resultados parciais das entrevistas.

a) Qual a sua igreja? (igreja que participa?)

Mais do que medir a participação empírica dos adolescentes em cada igreja (preocupação institucional) procurou-se aferir a participação dos adolescentes em cada denominação (preocupação sociológico-demográfica).

Num universo de 291 (100 %) entrevistas encontrou-se: 212 católicos (72,85 %); 52 luteranos (17,86 %); 8 espíritas (2,74 %); 6 batistas (2,06 %); 4 sem definição (1,37 %); 3 adventistas (1,03 %); 1 anglicano (0,34 %); 1 Sara Nossa Terra (0,34 %); 1 Comunidade Shalom (0,34 %); 1 Aliança Bíblica (0,34 %); 1 Cristo é Vida (0,34%); 1 ateu (0,34 %). Por estes resultados, pôde-se ver que **a grande maioria dos adolescentes têm alguma referência religiosa em sua vida** (só 4 sem definição e 1 ateu), embora não participem muito das suas comunidades de fé. Muitos disseram que vão pouco às suas igrejas. Mas esta não era a preocupação principal do projeto.

A frase tão surrada entre os adultos: “os jovens não querem nada com igreja!”, reflete um preconceito da parte de quem fala do que uma realidade empírica. Os adolescentes entrevistados não se mostravam hostis à entrevista e nem ao tema.

b) Quais os pontos positivos da (sua) igreja?

Aqui não se pode trabalhar com dados tão precisos como na pergunta anterior. Não se deve esquecer que o método etnográfico da pesquisa participante (BRANDÃO, 2000) baseia a cientificidade das afirmações seguintes.

Mapeando-se as falas elogiosas às igrejas teremos:

- 24 falas sobre grupos (incluindo retiros e passeios);
- 16 falas sobre celebrações especiais (Natal, Páscoa, Ramos, Mães, etc.);
- 14 sobre aprender algo na pregação e/ ou liturgia;
- 14 sobre gostar da igreja como lugar vazio (para oração e meditação);
- 11 sobre músicas;
- 10 sobre bandas de músicas existentes na igreja;
- 10 sobre a recepção da comunhão (na missa ou ceia);
- 9 sobre decoração (arte e vestes) na igreja;
- 9 sobre solidariedade com os pobres;
- 8 sobre participação de opinião em temas e discussões;
- 8 sobre homilia participada;
- 8 sobre missas especiais para jovens e crianças.

Não adianta contabilizar os temas, não vão dar 100% dos resultados, já que a pesquisa, neste ponto, se transforma em qualitativa e alguns grupos têm mais de uma fala sobre o mesmo tema. Também é preciso juntar alguns temas para se entender melhor os dados. Ir-se-á fazendo isto nos parágrafos seguintes:

ESPAÇO DE EXISTÊNCIA ECLESIAL

Em primeiro plano, a citação-elogio é sobre a existência de **grupos de jovens nas comunidades**, incluindo passeios, retiros e outras atividades que eles geram. Os entrevistados parecem estar cansados de ser tratados de forma massificada. Gostam de se reunir para conversar e trocar opiniões, ir a lugares juntos e ter uma história de vida comum. Isso é muito relevante para o adolescente: uns se apoiam nos outros, como num castelo de cartas, visto que eles não são mais crianças e nem adultos, tampouco. **A citação de grupos, passeios e retiros como o mais positivo das igrejas revela a necessidade e o desejo dos jovens de ter espaços de reunião e de reflexão**, mas ainda revela a necessidade de ter um espaço jovem de vivência religiosa. O mestre PIAGET já nos disse que a sociedade deles é uma sociedade de discussão (1990, p. 100).

LITURGIAS E PREPARAÇÃO

Os entrevistados não têm gosto pelas celebrações dominicais normais das comunidades. Gostam de frequentar as **celebrações eclesiais em dias especiais** (Páscoa, Natal, Ramos, Dia das Mães, etc.). Qual o motivo disto? Perguntados espontaneamente sobre isso, respondiam que eram dias “melhores”, “mais legais”, onde “há teatro e é mais bonito o canto e a homilia”. Não seria porque nestes dias prepara-se melhor a liturgia e se programa uma participação melhor e maior das comunidades? **A se levar a sério a fala destes jovens, há de se pensar a preparação das celebrações.**

Por outro caminho vai quem diz que gosta da celebração quando consegue **aprender alguma coisa para a sua vida/semana**. Este é um problema de linguagem. Quem vai a uma celebração quer se sentir tocado de alguma forma; questionado em sua vida e empurrado para frente. Sempre que se disse sobre *aprender algo* estava se falando em sermões. Sermões clássicos e de palavreado difícil são de difícil intelecção para adolescentes pouco experimentados nos gêneros literários, com pouco vocabulário e muita gíria. Além disso, os exemplos são poucos e muitas vezes tirados da vida dos santos ou de problemas familiares adultos: coisa que não atinge o adolescente porque está fora do seu círculo vital de relacionamento. **Endereçar mais os sermões seria uma solução mais plausível para os entrevistados**. O grande pregador luso-brasileiro António VIEIRA ainda tem muito a ensinar aos pregadores atuais.

IGREJAS E ORAÇÃO PESSOAL

Os entrevistados gostam de orar na igreja vazia e elogiam a decoração de muitas delas. Também gostam, sobretudo, do momento da comunhão. A beleza está na mente de todos os adolescentes: belos são os comerciais, os shoppings, as músicas, as roupas (LIBÂNIO, 1996, p. 11-43). Mesmo em se falando de *um padrão classe-média de massificação mediática*. Para ser atraente tem que ser belo. E isso os entrevistados elogiam nas igrejas católicas: **são decoradas e belas**. E ficam abertas para a oração pessoal, quando estão vazias.

O que está em jogo é a possibilidade de se encontrar consigo mesmo e com Deus, numa oração espontânea, mediada pela estética visual, que possibilita um momento de interioridade. Na comunhão, isso também é possível: o sujeito se recolhe e faz sua oração, ensimesmado e desligado da assembleia que canta, já que o canto é também uma experiência estética. Tem-se possibilidade de um momento pessoal de encontro com Deus, num ritual extremamente grupal, como é a missa católica. *Esse momento abre um espaço para o individual e os seus problemas*. Assim como a igreja vazia. **O ritual litúrgico aparece para os adolescentes com massificado**. Algo tão grupal (“com respostas decoradas”) que não os atinge. Eles estão muito voltados para os próprios problemas da transição de idade, sexualidade, família e etc. Quando surge espaço para a oração pessoal/individualⁱⁱⁱ, eles gostam.

LINGUAGEM LITÚRGICA E PARTICIPAÇÃO

Aparece também nas falas a necessidade de missas especiais para jovens e adolescentes, incluindo a participação em temas e discussões pela assembleia. Eles querem participação. Numa igreja de organização interna monárquica como o é a Igreja Católica Romana isso é bem difícil. Participação já foi uma bandeira empunhada por alas menos conservadoras das comunidades, surgidas das CEBs e do documento de Puebla (1979). Agora parece estar esquecida no atual cenário eclesial. Mas os adolescentes entrevistados não esqueceram o tema. Querem opinar e dar a sua palavra.

MÚSICA E ADOLESCENTES

Somente em sexto lugar é se fala em música para atrair os adolescentes para a igreja. Música é importante, mas não é o principal, numa pastoral endereçada a adolescentes. Antes de músicas, os entrevistados exigem participação e espaço eclesial. **Querem ser levados a sério**. Os adolescentes entrevistados fazem coro a Roberto GOMES (2001), aplicando a sua crítica da intelectualidade tupiniquim a ICAR, mostrando que não querem uma Igreja Ornamental.

O triunfo do homem sério é atingido quando se chega à completa ritualização. Quando já não importa o dito, mas a maneira de dizer dentro de padrões previamente consagrados. (...) Parece evidente que a Filosofia brasileira só existirá a partir do momento que vier a ser, como a piada, uma investigação do avesso da seriedade vigente. (p. 16)

No intelectual brasileiro que discursa, triunfa o sério – expressão de uma classe privilegiada diante da multidão analfabeta. No homem sério, triunfa a Razão Ornamental. (p. 17)

Sérios são estudos maçantes que cheiram à Europa. Assim, apesar dos traços de emancipação de uma inteligência nacional que podemos encontrar no modernismo, os praticantes da Filosofia continuaram, e continuam, como no verso de Manuel Bandeira “macaqueando a sintaxe lusíada”. (p. 98)

O que os entrevistados querem é serem levados a sério em suas necessidades orantes, não uma liturgia séria. Querem uma igreja que suje as mãos e se comprometa com eles. Que não fique “macaqueando” homilias e problemas de outros lugares e idades. Liturgia bonita, mas excessivamente desligada de seus problemas e de sua vida. **Exigem participação que não seja meramente litúrgica e/ou ornamental, mas uma igreja que os escute, antes de os por para cantar e bater palmas.**

SOLIDARIEDADE COM OS POBRES

Fala-se também de solidariedade com os pobres e necessitados. Os adolescentes entrevistados elogiaram a Igreja e as suas comunidades no que se referia ao trabalho social e caritativo desenvolvido. Alguns fizeram ressalvas a certo tipo de assistencialismo muito comum entre as comunidades; mas muitos disseram que esse trabalho é necessário e oportuno. **Atividades sociais não envolvem sermões e liturgia romana, permitindo participação^{iv} interativa de todos.**

Perguntados sobre isso, muitos responderam que gostam deste tipo de atividade eclesial. Esta é uma ótima oportunidade para muitas comunidades paroquiais se renovarem, formando grupos para as necessidades de nossos pobres. Palavra, Eucaristia e caridade sempre foi o tripé da Igreja. Uma comunidade centrada apenas na Palavra e na Eucaristia (ou deficitária no aspecto da caridade) é uma comunidade em que a Igreja ainda está incompleta.

c) *Quais os pontos negativos da sua igreja?*

Os próximos parágrafos agrupam as respostas negativas, interpretando sumariamente as falas dos adolescentes entrevistados sobre elas. A ordem de aparição dos assuntos se faz pela ordem de incidência das críticas, das mais recorrentes para as menos recorrentes.

CLERO

Entre os entrevistados, critica-se especialmente o clero católico por:

Sermões muito longos	17
Sermões com assuntos desconectados da realidade	10
Discurso excessivamente focado em dinheiro e dízimo	8
Sermões sem emoção (“fala-se sem parecer crer”)	4
Rispidez no tratamento pessoal	3
Celibato	2
Pedofilia	1
Avisos longos e monótonos	1

Como pessoa coletiva o padre é muito criticado pelos adolescentes em questão. **Ele é a personificação dos defeitos da igreja e até mesmo a personificação da Igreja**, segundo FOWLER (1992, p. 202), falando do estágio 3, autoridades são muito criticadas pelos adolescentes, justamente porque eles estão num processo de amadurecimento normal da personalidade. Esta é uma crítica ainda difusa, sem muito foco.

Em segundo lugar, vem o **tempo do sermão**. *Tempo* é uma categoria crucial no atual contexto. Albert Einstein percebeu que tempo e velocidade se relacionam. Em um *contexto em que o assunto não interessa (porque desconectado de assuntos relevantes para os ouvintes) e em que se pode só ouvir, qualquer tempo é muito tempo*. Cativar a atenção se faz pelo conteúdo e pela forma de abordar o assunto. Já Antonio VIEIRA ensinava que é preciso que o pregador se esforce por se fazer entender pelo auditório:

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo. (Sermão da Sexagésima)

Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: Semen suum. O pregar é entrar em batalha com os vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando David saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante. (Idem)

Deve-se pregar o seu, como diz VIEIRA: ou seja, deve-se pregar *a partir de sua ciência e de sua realidade*. Lutar com as suas armas contra os seus inimigos. Não é à-toa que VIEIRA dá o exemplo de Davi contra Golias. A crítica de nossos adolescentes sintoniza-se na mesma crítica de VIEIRA: pregadores desconectados da realidade de seus ouvintes não conseguirão atingir um grupo tão específico como o é o de adolescentes.

O estereótipo de que *religião dá dinheiro*, só se confirma num discurso muito focado em arrecadação monetária de algumas igrejas. Muitas comunidades sofrem de falta de dinheiro, mas se precisa rever *como fazer este discurso e para que tipo de assembleia*. Os adolescentes entrevistados mostraram-se motivados negativamente com este tipo de assunto.

ESTRUTURA GERAL DOS TEMPLOS

Bancos desconfortáveis	5
Imagens de santos ^v	5
Igreja lotada (sem lugar para sentar)	3
Sem ventilação adequada	1
Sem estacionamento	1
Volume do som alto	1
Igrejas fechadas durante o dia	1

Acostumados a serem bem tratados como clientes e a ter conforto numa sociedade que os valoriza cada vez mais, os adolescentes entrevistados tendiam a ver a igreja como uma *agência de serviços religiosos* e não uma comunidade em que se vive e faz parte. Esta é uma visão a partir de fora.

Para o clero que sempre se senta em uma cadeira mais confortável e que fica como agente ativo do sermão a percepção é outra. Em se estando mais confortável, reza-se melhor^{vi}.

Alguns se mostraram preocupados com a igreja fechada durante o dia. Mesmo sem gostar de liturgias formais, o contato pessoal com o divino não é descartado.

Falou-se de igrejas lotadas e sem bancos para sentar. É uma crítica que reflete um comportamento de quem vem à igreja apenas em dias especiais (Natal, Páscoa, Crisma, etc.), quando a superlotação é inevitável.

ESTRUTURA GERAL DA LITURGIA

Ritualismo	22
Posições corporais	21
Monotonia	19
Tempo de celebração	15
Folheto	11
Falta alegria/energia	6
Pouca participação	6
Linguagem das orações	4
Horários	3
Leituras	3

A liturgia é sempre a vitrine de apresentação dos produtos. E o campeão de reclamações tem sido o **ritualismo das liturgias (22 respostas)**. Ritualismo manifesto também em orações decoradas (5) e na leitura sem mais de folhetos de liturgia dominical (11).

O folheto de missa virou o grande missal e têm um poder autoritativo em muitas comunidades paroquiais. A falta de espontaneidade e a frieza de orações, gestos e acolhida em nossas comunidades tem sido um desafio para liturgistas. Aumentar a alegria e a energia celebrativa (6) é básico para se trabalhar com os entrevistados.

Senta, levanta, ajoelha são posições corporais muito recorrentes na liturgia católica romana. **E corpo é sempre um problema para o adolescente, que ainda está em fase de mudança corporal.** Este elemento aparece na pesquisa, em forma de insatisfação com as posições corporais da oração coletiva.

Com a pouca participação (6) que a assembleia tem no ritual da missa, a falta de energia e alegria é visível (6) em muitas assembleias litúrgicas. A monotonia é consequência disso (19), aparecendo mais como consequência do que como causa, mas figurando em terceiro lugar no índice das reclamações. Alguns diziam na entrevista: *“missa me dá sono”*. Num ambiente monótono e sem estímulos, qualquer celebração é sentida como *tempo demasiado* longo (15 respostas).

PESSOAS

Grupos são elitistas	6
Hipocrisia	7
Preconceitos e estereótipos	11

Além do padre, criticado como pessoa corporativo-simbólica da instituição, também outras pessoas foram citadas nas entrevistas. As pessoas que frequentam as igrejas são criticadas especialmente por seu *comportamento não-condizente entre o falar e o agir*. Essa não é a mesma crítica que dirigem aos pais? Aqui a Igreja é associada inconscientemente à família. E sofre as consequências disto. (FRAAS, 1997, p. 29)

Quando os grupos eclesiais são elitistas (6), não deixam entrar gente nova. A fala dos entrevistados mostra o desejo de fazer parte destes grupos. Criticando o que consideram uma hipocrisia (7), **reivindicam espaço eclesial de participação**. Estereótipos (11) só fazem aumentar as dificuldades dos entrevistados, reforçando o pré-conceito de que “jovem não quer saber de igreja!”. Os entrevistados reclamam de **dupla mensagem da parte dos membros adultos das comunidades**. A crítica dirigida a pessoas da igreja é *a crítica dirigida a seus pais e avós*. A crítica é menos endereçada à Igreja com tal e mais ao grupo de adultos de forma generalizada, visto de fora por parte de quem quer entrar nele e está com medo ou não está sendo aceito, sentindo-se deslocado.

MORAL

Ter normas para tudo	9
Confissão auricular	2
Obrigação dominical	1

Uma outra fonte de reclamações é a chamada moral católica, aparecendo o sentimento difuso de que a Igreja “*tem norma para tudo*” e refletindo o uso doméstico da religião, para a domesticação de comportamentos indesejados.

Durante as entrevistas, um adolescente disse: “*É preciso acreditar mais na decisão pessoal*”. O casuísmo que floresceu na ICAR, parte do princípio de que as pessoas não são boas o suficiente para reger a própria vida através de atos responsáveis e adultos. Esta é uma posição que infantiliza e adolescentes querem ser olhados como adultos^{vii}.

Jesus trabalha com a necessidade de deixar que as pessoas escutem a sua pregação, reflitam por si mesmas e possam tomar decisões em seguimento às conclusões que chegaram. Isto, os adolescentes entrevistados parecem ter intuído e reivindicam posição mais aberta para a Igreja na relação com seus fiéis.

CATEQUESE

A catequese ficou um pouco negligenciada, não sendo citada em muitas conversas. E apareceu apenas em algumas entrevistas.

Tempo grande demais	3
Catequistas mal-preparadas	2

Crisma sem participação	2
Conteúdo fraco	1

A reclamação sobre idade precoce é sobre crianças de 1ª Eucaristia, normalmente iniciada entre 8 anos de idade e concluída com 10. E, aos 12 ou 13, faz-se a catequese de crisma e um ano e meio depois, recebe-se a confirmação, segundo a prática pastoral da Diocese de Novo Hamburgo, grande Porto Alegre - RS. Os entrevistados disseram seria melhor que se fizesse tudo junto na época da crisma, visto que muito da catequese crismal se constitui em repetir o conteúdo da catequese de 1ª Eucaristia. Segundo os entrevistados, **fazer cedo demais a catequese e precisar refazer ou é perda de tempo ou é desconfiar da inteligência dos catequizandos^{viii}**.

Sobre o tempo de duração, apareceu a mesma crítica. É muito tempo desperdiçado em aulas teóricas, quando se poderia fazer melhor em menos tempo, de forma mais eficaz.

Outra coisa que conta, é o que se diz sobre a crisma: é tudo um pacote pronto e que deve ser engolido sem mais. Não há participação, nem graduações, nem discussão ou ainda adaptação. É tudo ou nada.

Avaliando as críticas feitas pelos entrevistados, o que prevalece é a impressão de que a Igreja, mais atrapalha do que ajuda, na visão deles. Mesmo assim, muitos adolescentes entrevistados diziam que iam à igreja, periodicamente.

d) O que você mudaria na sua igreja para que ela ficasse melhor?

FOWLER (1992) ensina que o adolescente encontra-se no estágio 3 (fê sintético-convencional) e ainda não consegue ultrapassar os limites do grupo. Ainda tem uma fê muito intra-sistêmica. A sua fê pode ser considerada como um resumo bem feito da fê do grupo. Não há ainda uma diferenciação auto-escolhida de valores e lócus de autoridade. Isso se dará no estágio 4 (fê individuativo-reflexiva), que vai se iniciar após os 20 anos^{ix} e vai se prolongar por cinco a sete anos. Antes disso, adolescentes costumam estar no estágio 3 (FOWLER, 1992, p. 154).

Os adolescentes entrevistados tinham dificuldades em pensar diferente do que viam. Segundo FOWLER, a incapacidade de ver diferente, além da visão do grupo é bem típica desta fase 3 (fê sintético-convencional). O adolescente, embora tenha a visão do que pode estar errado, ainda não compreende bem o que pode ser o certo ou como fazê-lo. Teriam que ter entrado na crise de crescimento rumo à fase 4, iniciando o processo rumo a uma fê adulta e tendo já aparecido um *ego executivo* (FOWLER, 1992, p. 152). Estas dificuldades estarão presentes nos resultados a seguir.

ESTRUTURA GERAL DA IGREJA E DA COMUNIDADE

Bancos mais confortáveis	8
Arte mais moderna	7
Concurso de bandas	7
Retirar folheto de missa	6
Horários mais tarde	4
Diminuir o enfoque nas reformas	3
Diminuir a ostentação em templos	2

Retirar imagens de santos	1
Fazer concertos de órgão	1
Proporcionar mais conforto para o fiel	1
Instalação de banheiros	1
Instalação de bebedouros	1
TOTAL	42

Aqui se está diante da reclamação de que a igreja não se preocupa muito com o *conforto e o bem-estar do seu fiel*, por isso os bancos foram os que vieram em primeiro lugar (juntamente com os 3 itens finais da tabela). O fiel é visto como *cliente de serviços religiosos*.

Também aparece a preocupação com uma linguagem que atinja o adolescente, através da arte (arte mais moderna^x e retirar santos) e de promoção de eventos culturais. O que está implícito é que **a igreja precisa ter mais do que missa**. Esta resposta lembra a crítica de um adolescente a BORÁN: “*A igreja só tem missa e isso é muito chato! A Igreja não me diz nada*”, (BORÁN, 1994, p.76).

Há também uma crítica velada a rituais, quando toca na questão do folheto de missa.

A crítica à ostentação de certas comunidades, através de seus templos. “*A igreja precisa ter mais a cara do seu povo*”, disse um adolescente em uma das entrevistas. Isso é uma crítica à excessiva europeização de nossas igrejas e cultos. É um clamor por brasilidade ou por se levar a sério o jeito e a linguagem (estética, corporal e linguística de quem as frequenta).

Ao mesmo tempo em que aparece a necessidade de pensar um conforto maior para o fiel, aparece também a crítica sobre as reformas feitas nas igrejas de nossas comunidades. *A preocupação com as coisas substituindo as pessoas*, é que está sendo criticada pelos adolescentes. “*As construções foram feitas para os fiéis e não vice-versa*”, seria um bom resumo da posição dos entrevistados.

ESTRUTURA GERAL DA LITURGIA:

Missas mais alegres	17
Missas por faixas etárias ou temáticas	15
Mais cantos nas celebrações	12
Mudar a linguagem	11
Mais envolvimento da assembléia	9
Diminuir tempo de celebração	8
Fazer teatros nas missas	5
Bandas de música	4
Mudar o ritual	4
Tirar o senta-levanta-ajoelha das celebrações	3
Tirar as crianças da celebração	1

Mudar as vestes litúrgicas	1
TOTAL	95

O que se quer, sobretudo, é a sintonia com a linguagem gestual e linguística atual. Os adolescentes sentem como sendo algo muito diferente de seu mundo, no pensamento e na expressão. Eles querem que a liturgia toque-os.

É preciso entender e ser prático. Por isso, a sugestão de teatros nas missas. A visualização é algo hoje muito de acordo com a cultura midiática atual. **Eles querem se ver na liturgia da Igreja. Ao reivindicar teatros e apresentações, eles estão pedindo mais do que espaço: uma espécie de protagonismo é aqui requisitada^{xi}.**

As crianças não foram deixadas de lado, visto que uma “escolinha de Jesus” deveria ser implantada. Pela expressão “escolinha de Jesus” entenda-se retirar as crianças menores da celebração por uma equipe que possa brincar, cantar e ensinar histórias bíblicas, enquanto decorre a celebração. Nisso está embutida uma justa preocupação e um pouco de segregação. Adolescentes não querem ficar com pais ou irmãos menores, enquanto estão juntos. Querem celebrações onde eles estejam entre seus pares.

Na relação com os companheiros, a ausência do elemento de respeito unilateral faz com que o adolescente se encontre com os demais como igual entre iguais. Esta experiência constitui o ambiente social que faz o jogo de cooperação, constrói regras básicas do consenso mútuo e desenvolve a autonomia.(...) Na relação adulto-adolescente este meio é difícil de alcançar, sobretudo com as crianças menores, porque naturalmente está implícito o respeito unilateral. (...) para o adolescente é muito mais útil participar da formulação das regras do que recebê-las já prontas dos adultos e ter que submeter-se a elas. (DUSKA e WHELAN, 1994, p. 25-26).

Quando se fala em senta-levanta-ajoelha se está falando de um **tipo de gesticulação medieval** que não diz nada para o adolescente de hoje. Para eles, é preciso uma gesticulação adequada também por parte do ritual^{xii}.

Um adolescente entrevistado sugeriu que “é preciso sair detrás da mesa do altar para celebrar melhor.” O entrevistado mostra que é preciso sair da atitude defensiva de se esconder detrás da mesa da celebração. O altar é de alguma maneira um palco e requer um *desempenho celebrativo* que incentive a interação entre o presidente, a assembleia e o mistério celebrado. Sair de uma atitude defensivo-celebrativo para uma atitude ativa e promotora de participação orante na assembleia. Isso os adolescentes entrevistados perceberam bem.

Mais espontaneidade no modo de celebrar e diminuir a influência do ritual parece ser a que reivindicação. A formalização das celebrações é o que mais se critica.

SERMÕES

Para muitos, esse é o momento mais crítico das celebrações. Aqui as sugestões são apenas 3:

Temas atualizados	12
Interatividade dos sermões	10
Colocar testemunhos de vida	1

Temas bonitos e escolhidos são usados em muitas igrejas, mas não tocam o dia-a-dia dos adolescentes entrevistados. Quem quer ser relevante para eles tem que ter uma preocupação redobrada para não tirar o pé da realidade e ficar pregando acima dela. Eles têm muito mais problemas não resolvidos do que os adultos da

comunidade. Testemunhos de vida e interatividade nos sermões são formas de concretizar os assuntos e atualizá-los, para que tenham pertinência entre os adolescentes.

CLERO

A queixa contra o clero assume aqui ares bem mais positivos e concretos do que os sermões.

Abolição da obrigação de celibato	13
Ordenar padres mais novos	6
Possibilitar decisões mais participativas	3
Prestar contas para a comunidade	3
Mudar formação do clero	2
Maior preocupação com os pobres	2
Ordenação de mulheres	1
Total	30

“Queremos padres mais próximos de nós!”. Isso parece ser um resumo bem fiel desta tabela acima.

Ordenar padres mais novos e mudar a formação do clero está em vista de uma nova sensibilidade (e sintonia) com a realidade atual. Cobrar prestação de contas monetárias e decisões mais participativas é um jeito de pedir uma igreja menos monárquica e mais democrática.

MORAL

Segundo os adolescentes pesquisados, a moral católica também precisa de revisão. E entre os pontos apontados estão:

Respeitar mais as diferenças	5
Mudar a obrigação dominical	4
Exigência de ser crismado para se casar	1
Abertura para problemas atuais	1
Apoio a casamentos gays	1

Muitos dos pesquisados dizem que **as comunidades têm muito preconceito** dentro delas: julga-se pelo visual e não pelo interior. Assim, não se respeitam as diferenças, mas se estereotipam e catalogam as pessoas, excluindo-as. Gays, *clubbers*, roqueiros e pessoas diferentes em geral costumam ser discriminados e não acolhidos com suas diferenças e valores. Busca-se uma uniformidade de pessoas e pensamento. Adolescentes em estágio 3 tendem a perceber a diferença entre pessoas como diferenças de “tipo” de pessoas, segundo FOWLER (1992, p. 146). Mas querem que se respeitem estes “tipos”.

CATEQUESE

Fazer catequese mais intensiva	10
--------------------------------	----

Juntar a catequese de 1ª comunhão e crisma	6
Deixar para fazer catequese mais tarde	4

Sugestões para melhorar a catequese se tornaram fonte de algum avanço significativo. Uma catequese que deixasse a *iniciação da fé* para mais tarde poderia ser mais bem compreendida num esquema do RITO DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS. Onde Batismo, Crisma e Eucaristia têm uma mesma dinâmica e uma unidade essencial^{xiii}.

ATIVIDADES

Deixou-se este item para o fim porque não apresenta um foco específico, mas o movimento e a atividade lúdica é que dão coerência a este ponto.

Ter mais grupos de jovens	6
Fazer mais retiros de final de semana	5
Ter mais ação social	4
Visitar mais os doentes nas casas	3
Ter mais ensinamentos bíblicos	1

Os jovens querem movimento/atividade. Espaço de participação (grupo de jovens) e retiros possibilitariam uma *inércia a favor*, dando espaço e possibilitando integração dos adolescentes entre seus pares. Isso permite uma maior aproximação entre a Igreja-instituição e os adolescentes.

Aproveitar a sensibilidade natural dos adolescentes para visitarem doentes e ter mais ação social pode ser uma saída para uma articulação melhor entre a Igreja e eles. Ainda mais em se tratando de sugestão deles mesmos.

Como resumir tudo isso? O que dá a impressão, ao se ler tantas sugestões é que se pode sempre contar com os adolescentes para detectar e sugerir situações de mudanças. ***A Igreja precisa muito deles, para apontar onde mudar.*** Por ser força de mudança, alguns adultos tendem a ver adolescentes com preconceito, justamente no que eles têm de melhor: sua inquietude.

Leonardo BOFF (1982, p. 58-80) critica explicitamente o catolicismo romano como não tendo conseguido escutar o *sensus fidelium* (sensibilidade dos fiéis). Por medo ou por desprezo, a ICAR na sua hierarquia-centro-de-decisão tem muita dificuldade em integrar as críticas feitas, assumindo, revisando-se e modificando para melhor.

A hierarquia católica parece desconfiar *ab initio* dos seus fiéis, quando deveria escutá-los mais, como vimos com COMBLIN (1998, p. 301).

Mesmo enfrentando o luto da família, o luto do corpo de criança que já se perdeu e do luto dos pais (que concebiam na infância como super-heróis), os adolescentes ainda têm que enfrentar o luto de uma igreja que não lhes deu parâmetros para enfrentar os problemas que os afligem. Uma catequese infantil não ajuda a enfrentar os problemas que se colocam no mundo de hoje. A catequese tradicional era boa num contexto de gente analfabeta e de contexto rural. A cidade pós-moderna e a escolarização universal colocam outros

problemas, exigindo mais da fé e da catequese eclesial, numa perspectiva mais crítica e mais em sintonia com a ciência e a pós-modernidade^{xiv}.

RECAPITULANDO

Como resumir tudo isto? A pesquisa dá o que pensar, sobretudo, se for compará-la com as tantas outras feitas sobre o catolicismo brasileiro (CERIS) e sobre as religiões no Censo 2000 (IBGE). **O campo religioso está se reconfigurando, tendo como base a tendência de sair da religião transmitida e ir para a base da vivência religiosa de escolha pessoal.** Os adolescentes querem participação e espaço para falar e opinar sobre temas que acham importantes.

É preciso, entre os adolescentes, uma Igreja que se faça um com eles. Precisa-se de uma Igreja que se inculture e se faça povo. No linguajar de alguns teólogos, é preciso de uma *eclesiogênese*: uma igreja que se faça povo, assuma os seus rostos e as suas agruras. Com os adultos e com os adolescentes.

Para tal, é preciso sair da encruzilhada em que a ICAR se encontra no Brasil: eclesial agora é só o que é absolutamente hierárquico, como antes do Concílio Vaticano II. Vejam-se na televisão os programas católicos: são uma sacristia transmitida.

Contudo, os jovens continuam querendo projetos de vida que promovam a cidadania e a solidariedade (engrossada agora por um discurso mais laicizado, menos religioso e mais ecumênico). Eles estão lá para ajudar. Querem estar lá, por a mão na massa e ter vez e voz. Mesmo errando.

O problema está no fato de que a ICAR não tem um projeto concreto e atrativo que possa absorver os adolescentes em suas fileiras. (DALLA-DÉA, 1999, p. 185)

Para isso, seria preciso que o discurso de solidariedade e participação se efetivasse em projetos concretos de ação. Mas, para sair da letargia que se encontra a ICAR no Brasil atual, seria preciso mais do que simples discurso. Seria preciso ação. É isso que os adolescentes entrevistados estão reivindicando.

O que é questionado aqui não é a existência de Deus ou o valor da religião. Mas a finalidade das igrejas nas sociedades atuais. Eles parecem se perguntar: *Para que serve a igreja na sociedade de hoje?*^{xv} Os adolescentes entrevistados apontam para uma fragilidade da ICAR que é a de ter ficado grande demais e agora não estar aguentando levar o próprio peso. A solução a isso já está esboçada: a perda de grande parte de seu rebanho nominal irá aliviar o peso institucional, segundo os dados do IBGE, no Censo 2000 (www.ibge.br/censo, 15/10/2005). Os dados do último Censo ainda não foram divulgados.

Não basta colocar musiquetas alegres e usar gírias num discurso pretensamente jovem. **É preciso uma pastoral que dê espaço, participação e leve um discurso crítico e baseado no Evangelho para algum lugar.** Eles estão pedindo propostas de trabalho, mas não propostas prontas. Que sejam elaboradas por eles, numa igreja e numa ação que leve-os a sério.

Muitos dos entrevistados já perceberam que não tem futuro numa igreja parada. Não se pode admirar que muitos a tenham abandonado, optando por outras formas de vivência de fé; outros a deixaram de lado e alguns tenham ficado. São poucos, mas existem. Mas estes que ficaram têm algo mais original para dizer?

A pesquisa reunida aqui trabalhou com adolescentes de colégios, gente sem maior participação eclesial, em ambiente nada eclesiástico. Mesmo dirigido por religiosas, um colégio não é uma igreja ou uma sala de catequese.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Amaral, L. – *Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo*, p. 103. In: Siepierski, P. & Gil, B. M. - *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Estudos da ABHR).

Boff, L. – *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante* – 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

Brandão, C. R. (Org.) – *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Cervo, A. L. & Bervian, P. A. – *Metodologia científica* – 4ª edição, São Paulo: Makron Books, 1996.

Dalla-Déa, P. F. – *Brincando de cabra-cega: a igreja cristã e os adolescentes urbanos*. In: **REB** (Revista Eclesiástica Brasileira) nº. 63, fasc. 252, outubro de 2003, p. 921-929.

Dalla-Déa, P. F. – *Igrejas e adolescentes: relatório parcial de pesquisa com adolescentes de ensino médio*. São Leopoldo: mimeo, 2003, 25 p.

Dalla-Déa, P. F. — *Igrejas e adolescentes: relatório parcial de pesquisa com adolescentes urbanos de ensino médio*. Disponível na Internet: <http://www.servirtual.org/sejuvi/index.htm>, 25/04/2004.

_____ - *Igrejas e adolescentes: problemas de base*. Disponível na Internet: www.ihu.unisinos.br/areas/iii/index.php?val=downloads, 25/04/2004.

_____ – *Princípios mínimos de teologia pastoral*. Disponível na Internet: <http://servicioskoinonia.org/relat/212.htm> , 15/10/2011.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Disponível na Internet: <http://www.uol.com.br/aurelio>, 24/03/2003.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível na Internet: <http://houaiss.uol.com.br>, 15/03/2006.

Dencker, A. F. M. & Da Viá, S. C. – *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)* – 2ªed. São Paulo: Futura, 2002.

Dick, H. – *O imaginário religioso do estudante da universidade do vale do rio dos sinos* – UNISINOS. CADERNOS IHU, ano 1, nº. 1, ano 2003, 47 p.

Duska, R. e Whelan, M. – *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Loyola, 1994.

Fernandes, S. R. A. - *Censo 2000 - breve comentário dos dados sobre religião* - CERIS (Centro de Estudos Religiosos e Investigações Sociais). Disponível na Internet: http://www.ceris.org.br/textos/_busca.asp?codDoc=15 , 15/10/2005.

Fowler, J. W. – *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. 280 p.

Fraas, H.-J. – *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião* – trad. Ilson Kaiser e Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1997. 132 p.

Geertz, C. – *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____ – *Nova luz sobre a antropologia* – trad. Vera Ribeiro e revisão téc. Maria C. P. Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Gomes, R. – *Crítica da razão tupiniquim* – 12ª ed. Curitiba: Criar, 2001.

JOÃO PAULO II – *Exortação Apostólica CHRISTIFIDELIS LAICI*. São Paulo: Paulinas, 1989.

Levin, J. & Fox, J. A. – *Estatística para ciências humanas* – 9ª ed., trad. Alfredo A. Farias e ver. téc. Ana Maria L. de Farias. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

Oliveira, L. S. – *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, tgi, tcc, monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Pioneira, 1997.

Piaget, J. – *Seis estudos de psicologia* - trad. Nina Constante Ferreira – 7ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

Quapper, K. D. & Solano, B. T. – *Rotundos invisibles: ser jóvenes en sociedades adultocéntricas*. La Habana: Editorial Caminos, 2003 (Cuadernos Teológicos. Pastoral; 4)

Rahner, K. – *O desafio de ser cristão: textos espirituais* – trad. Frei Álvaro M. da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978.

Vieira, A. – *Sermão da sexagésima* – Disponível na Internet: <http://bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.pdf>, 15/10/2005.

ⁱ ICAR = IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA.

ⁱⁱ O Colégio Santa Catarina é uma instituição confessional católica que possui instrução desde o maternal até o ensino médio, com um total de 1.800 alunos, atualmente. O colégio é frequentado por alunos de classe média, visto que é uma instituição particular. Atinge alunos de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Estância Velha e Portão. Trabalhou-se com grupos de 5 a 6 adolescentes por entrevista. As entrevistas se estenderam por diversos dias do primeiro semestre de 2003, porque foi preciso contar com a colaboração da diretoria do colégio, dos alunos e dos professores. Foram entrevistados alunos do Ensino Médio (Ensino Médio e Magistério) somente, de 1ª a 4ª série. Adolescentes da faixa etária entre 16 e 20 anos.

ⁱⁱⁱ **Sobre a comunhão:** é o momento onde se anda até o altar e se volta. É um momento de relaxamento da atitude corporal. Neste momento, se quebra a monotonia de estar em pé e parado. Adolescentes não gostam de ficar em pé parados: numa danceteria se fica horas em pé, mas dançando, andando, etc. Em pé e parado é uma atitude repulsiva para o adolescente que está acostumado ao conforto da sociedade atual.

^{iv} Participação é um assunto que foi apontado por TORRES-QUEIRUGA. Ver nota 56.

^v Sobre imagens de santos, somente os evangélicos mais pentecostais falaram sobre isso. Entre os evangélicos tradicionais este assunto nem apareceu.

^{vi} Aqui se fala de uma assembléia de oração. Não se refere a perseguições ou sofrimentos quaisquer que sejam. Em ambiente de perseguição ou situações que causem sofrimentos (quaisquer que sejam) teremos outras inflexões que a psicologia da religião estuda.

^{vii} Jesus não agia assim. Se ele falava em parábolas era para que, pensando, as pessoas tomassem as próprias decisões, depois de chegar às próprias conclusões. Jesus não parte do princípio de que quem o escuta é ruim ou é mal intencionado. Muito pelo contrário, as brigas com os fariseus (além de refletir as brigas das comunidades de discípulos do final do século I com o Concílio de Jâmnia) mostra um Jesus que reclama da má interpretação gerada por um grupo de pessoas que tem as suas respostas prontas e que não admite revisá-las, mesmo causando prejuízo às pessoas. As brigas de Jesus com os fariseus de seu tempo são um conflito exagerado, visto por discípulos de Jesus que estão em conflito com os fariseus que restaram após a queda de Jerusalém. Não se devem exagerar estes relatos. Jesus, pelo contrário tem vários discípulos seus que são fariseus e que o seguem. (Cfr. *Introdução ao evangelho de s. mateus* – In: **CD-ROM Bíblia Sagrada**, 1996.) A forma de ensino de Jesus (pregação popular, ensino da Torá aos simples, pregação itinerante, etc.) reflete uma preocupação bem comum entre os fariseus de seu tempo: a popularização da Lei para que o povo pudesse ser mais fiel. (MESTERS, 1976).

^{viii} Veja-se, mais tarde, sobre a idade da catequese crismal da pesquisa feita em Porto Alegre, no ano de 2005. Pode-se notar a idade prematura dos adolescentes da catequese de crisma da maioria deles e a falta de crítica e/ou posição em muitas das respostas.

^{ix} O estágio 4 só se inicia após a pessoa sair de casa, fato provocado pelo casamento, pela mudança por causa da faculdade ou pelo trabalho ou por todos eles juntos. (FOWLER, 1992, p. 153-154)

^x Alguém sugeriu até grafitismo nas paredes. Bem típico de adolescentes urbanos!

^{xi} Protagonismo assistido, nos dois sentidos da palavra (orientado e espetacularizado). Segundo o Dicionário Houaiss, **protagonismo** é: “adjetivo e substantivo de dois gêneros **1.**Rubrica: história do teatro. diz-se de ou o personagem mais importante do teatro grego clássico, em torno do qual se constrói toda a trama Obs.: cf. *deuteragonista* e *tritagonista* **2.**Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: história do teatro. que ou aquele que representava esse papel (diz-se de ator) **3.**Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: cinema, literatura, teatro, televisão. principal personagem de uma peça de teatro, de um livro, de um filme, uma telenovela etc. **4.**Derivação: sentido figurado. indivíduo que tem papel de destaque num acontecimento. Ex.: <sem querer, foi p. de um drama> <foi acusado de p. de um dos crimes que mais chocaram a opinião pública>. Dicionário Eletrônico Houaiss. Verbetes protagonista.

^{xii} Com alguma boa vontade, não se conseguiria diminuir o número de alternâncias entre sentar e levantar na liturgia? O Papa João Paulo 2º diz:

“A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens tem tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil. Na sua mensagem aos jovens o Concílio diz: «A Igreja olha para vós com confiança e amor... Ela é a verdadeira juventude do mundo... Olhai para ela e nela encontrareis o rosto de Cristo”. Christifidelis Laici nº 46 Se é verdade, e não apenas discurso retórico, que os jovens devem ser interlocutores da Igreja, a Igreja teria que escutar e aprender deles. Será que a ICAR não deveria também aprender do corpo e da ritualidade deles também? Essa seria uma boa discussão para liturgistas de todas as tendências.

^{xiii} Não se pode esquecer que uma prática eclesial baseada em batismo de crianças e catequese de crianças tem como pressuposto que a sociedade e os pais vão fazer uma parceria para a educação e crescimento da fé da criança. Ora, isso já não é mais verdade há séculos na Europa, e não é mais verdade há décadas, no Brasil urbano. Com algumas exceções.

^{xiv} Em vez de pós-modernidade alguns autores, como eu, preferem o termo hipermodernidade, uma vez que a modernidade não foi superada, mas as suas crises se intensificaram no século 21.

^{xv} A tendência atual parece ser de responder esta pergunta com a inércia pastoral. Assim, a Igreja serviria para se manter viva, enquanto instituição e enquanto grupos. Um organismo que só consegue se manter vivo, sem expandir-se, está em fase de decadência e de morte espontânea.